



EDIÇÃO Nº 13 – Volume I , JANEIRO
DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/11/2013

O SUJEITO NA PÓS-MODERNIDADE: GLOBALIZAR-SE OU PRIVAR-SE DA MODERNIDADE?

Marlúcia Francisca de Oliveira

UEMS/UFMS

Washington Cesar Shoiti Nozu

PG-UFGD

Silvane Aparecida Freitas

UEMS

RESUMO: A pós-modernidade trouxe consigo a instabilidade das identidades dos sujeitos, que estão sempre em busca de algo novo que os possibilite acompanhar o processo acelerado e ininterrupto da globalização. No meio cultural, isso não é diferente, porém como a cultura é algo quase impossível de ser definida, restringimos nosso trabalho a apenas uma pequena parte dela - a música. Assim, objetivamos, nessa pesquisa, analisar a letra da música “Tocando em frente”, composição de Almir Sater e Renato Teixeira, fazendo uma relação dessa letra com os sujeitos da pós-modernidade: a globalização e, ainda, com a história, pois sua interpretação é imprescindível em nossa análise, que terá como subsídio as pesquisas em Estudos Culturais, de autores como Jameson (1985) e (2004), Canclini (2003), Hall (2005), dentre outros. Nossas leituras evidenciaram um sujeito pós-moderno multifacetado, com identidades múltiplas, cindidas, fragmentadas, modificadas, constituídas de vivências diversas e em luta para se manter “vivo” nessa correria que é a vida pós-moderna, globalizada.

PALAVRA-CHAVE: sujeito pós-moderno; identidade; globalização; pós-modernidade.

ABSTRACT: Post-modernity brought the instability of the subject identities, that are always looking for something new that allows them to follow the accelerated and uninterrupted process of globalization. In the cultural field, this is not different, but since the culture is something almost impossible of being defined, we restricted our work to just a part of it – music. This way, we aim, in this search, to analyze the lyrics of the song “Tocando em Frente”, composed by Almir Sater and Renato Teixeira, making a relation with the lyrics in this song and the subjects of post-modernity: the globalization and, yet, with the history, because its interpretation is indispensable in our analysis, that will have as subsidize the searches on “Cultural Studies”, by authors like Jameson (1985) and (2004), Canclini (2003), Hall (2005), and others. Our readings evidenced a post-modern multi-faceted subject, with multiple identities, split, fragmented, modified, constituted of diverse experiences and fighting for keeping himself “alive” in this hurry that is the globalized post-modern life.



EDIÇÃO Nº 13 – Volume I , JANEIRO
DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/11/2013

KEY-WORD: post-modern subject; identity; globalization; post-modernity.

Introdução

Em pleno século XXI, em um tempo chamado era pós-moderna, Jameson (2004), em sua obra intitulada *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio* nomeia-a, também, como “modernidade tardia”, fala-se muito em globalização. Mas o que seria essa globalização? Qual sua interferência na constituição dos sujeitos pós-modernos? A globalização trouxe à tona um mundo no qual as pessoas vivem com medo, inseguras, pois precisam acompanhar as modernidades tecnológicas que surgem a todo momento, para estarem conectadas com o mundo e, muitas vezes, até para manter seu trabalho. Desse modo, destaca-se a pressão da concorrência entre os sujeitos e as máquinas, as quais surgem cada vez mais modernas e potentes, com o objetivo de realizar tarefas, antes feitas somente por seres humanos.

Tarefas que até então exigiam um maior número de seres humanos na sua realização e um prazo maior de execução, com a globalização, passaram a serem realizadas pelas máquinas com mais rapidez e economia, pois se ganha tempo e dinheiro nessa troca, já que uma só máquina realiza o trabalho de várias pessoas e em um espaço de tempo muito menor, tem apenas um custo: o da compra; funcionando anos sem exigir manutenção, provocando mais custos.

Com a globalização, as máquinas passaram a ocupar espaços jamais imaginados. As pessoas não conversam mais entre si em casa, ou nas praças públicas, durante seus momentos de descanso. Elas se individualizam, dividem-se dentro de casa, cada uma com sua máquina. Os filhos nos seus computadores, os pais na televisão, cada um buscando a realização de seus próprios desejos, ou seja, a satisfação pessoal. Provocando, com isso, o que Bauman (1998) chama de o “mal-estar da pós-modernidade”.

É nesse viés, subsidiado pelas pesquisas sobre estudos culturais, que pretendemos analisar a letra da música *Tocando em frente*, de composição de Renato Teixeira e Almir Sater, composta no início dos anos 1990, em uma época em que a música caipira perdia espaço para a música sertaneja



EDIÇÃO Nº 13 – Volume I , JANEIRO
DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/11/2013

de comércio, de consumo, na qual se visa o lucro acima de qualquer outro objetivo. Produz-se uma quantidade ínfima de músicas e discos que são vendidos a preços exorbitantes e, ainda, realiza-se mega shows sertanejos com recorde de público e, obviamente, uma receita altíssima.

1. Os Estudos Culturais e o hibridismo nas identidades e nas culturas

Os Estudos Culturais é uma corrente filosófica que surgiu na Inglaterra, mas na sua forma contemporânea já é um fenômeno internacional. Em sua forma original, buscam os nexos existentes entre a investigação e as formações sociais nas quais ela se desenvolve. (ESCOSTEGUY, 2000). Ou seja, busca as condições de produção dos textos, ou obras de arte, em que circunstâncias são produzidos, por quem e de que lugar o autor produz seus textos ou obras de arte.

Corsino (1997, p. 75), ao dissertar sobre os Estudos Culturais, comenta que

[...] a partir dos anos 1990, houve a fragmentação, inconsistência e trivialização desse campo de estudo, embora possam ser detectados aspectos consistentes na proposta de análise das nuances culturais que marcam a contemporaneidade. Nessa fase, os estudos culturais passam por um período de relaxamento quanto à sua vinculação política, e o pensamento que marcou o início dessa linha de pesquisa sobre o estudo de algo “novo” já não existe mais.

Ao buscarmos as condições de produção e problematizá-las, percebemos o quanto as identidades dos sujeitos aparecem marcadas em suas produções. As produções culturais são perpassadas por angústias, anseios, medos, que são frutos das inúmeras transformações provocadas pela globalização, no que se refere ao conceito de cultura, que alguns poucos, oriundos de uma cultura hegemônica, querem definir, de forma simples, objetiva e homogênea, como se isso fosse possível. Sem levar em conta o hibridismo cultural, as variações, as misturas, as múltiplas faces que fazem com que a cultura seja um processo em constante mutação e não algo passível de definição. Em todo esse processo, existe um ponto de suma importância, a heterogeneidade dos sujeitos, justamente porque



EDIÇÃO Nº 13 – Volume I , JANEIRO
DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/11/2013

a cultura é híbrida, heterogênea, diferente, mesmo no que parece ser igual, como por exemplo, os pastiches.

Para se fazer uma análise de acordo com as teorias dos Estudos Culturais, necessário se faz que se contemple a história, os fatos ou acontecimentos, especialmente a história da política, de uma determinada época, já que sem interpretá-los, não podemos fazer uma análise pertinente. A história nos dá pistas do que aconteceu no momento em que foi escrito um determinado texto literário, ou mesmo histórico, quem escreveu, porque escreveu, de que lugar escreveu e que autoridade esse autor/escritor tinha para produzir tal texto, que lugar social ele ocupava ao produzir tal texto. A partir desses dados, podemos interpretar esse texto e entender as suas condições de produção criticamente.

Silva (2000, p. 145) afirma que a relação entre o cultural e o econômico, o político e as instâncias ideológicas, pode ser considerada enquanto um segundo deslocamento importante na construção da tradição dos Estudos Culturais. Em se tratando de música sertaneja, o deslocamento que sofre o conceito de música caipira, a partir dos anos 1990, o conceito de caipira passa a ter, além de um significado diferente, um nome diferente – sertanejo -, que indica que é música do sertão, cantada por sertanejos, porém com um estilo “inovador”, diferente, atraente para que seja muito consumido.

Essa transformação na música, antes denominada caipira, ocorreu por motivos de ordem econômica, já que o resultado final das novas produções sertanejas, das letras do novo estilo sertanejo é o dinheiro, que nos remete a Jameson (1984) e a relação que ele faz do “Pós-modernismo e sociedade de consumo”, na qual afirma que pós-modernidade é um conceito de periodização que tem como função principal correlacionar a emergência de novos traços formais na vida cultural com o surgimento de um novo tipo de vida social e de uma nova ordem econômica, chamada frequentemente de modernização, sociedade pós-industrial ou sociedade de consumo, sociedade dos mídias ou do espetáculo, ou capitalismo multinacional.

A música sertaneja atualmente é produzida como um produto “cultural”, em grande escala e sem muita preocupação com a qualidade do que é colocado à disposição da sociedade de consumo, não se preocupando com a qualidade, quer consumir simplesmente, porque está na moda e consumir esse produto é estar ligado nas novidades musicais, é ser atual e moderno, uma vez que a maioria da população ouve. É a cultura massificada, transformada em produto.



EDIÇÃO Nº 13 – Volume I , JANEIRO
DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/11/2013

Renato Teixeira e Almir Sater produzem uma canção, procurando dar voz a um sujeito que sofre, angustiado por querer ter uma identidade que seja a sua, real, livre de influências, procurando se distanciar desse processo de globalização, deslocando o conceito de um caipira, que constituía sua identidade, mas que hoje não existe mais, está ultrapassado. Isso porque nossa identidade não é única, é multifacetada, fragmentada, costurada, remendada, cujas identificações são adquiridos por meio de nossas experiências cotidianas. Canclini (2001, p. 59) aponta que “à medida que encontramos atores que escolhem, toma decisões e provocam efeitos (que poderiam ter sido outros), a globalização deixa de ser um jogo anônimo de forças do mercado regidas apenas pela exigência de conseguir sempre o lucro máximo na concorrência supranacional.”

2. Pós- Modernidade: a cultura do capital

A era do capital fez com que se criassem novas formas de crédito, como o cartão de crédito, crediário com infinitas parcelas, prazos irresistíveis para pagamento, tudo isso para facilitar o consumo desenfreado, exagerado, sem planejamento por parte dos consumidores e, na maioria das vezes, até sem necessidade. Tudo isso porque a globalização incentiva o comércio sem fronteiras, “sem leis”, pelo menos sem leis que beneficiem os que estão à margem desse processo de globalização, que não têm a oportunidade de interferir nas decisões concernentes a esse processo e que interferem diretamente em suas vidas.

Sobre isso, Canclini (2003) comenta que se não for levado em consideração a diversidade de línguas, comportamentos e bens culturais que dão sentido à continuidade das relações sociais, o imaginário de um futuro econômico próspero que por vezes, é suscitado pelos processos de globalização e integração regional se torna muito frágil.

É cada vez maior o número de empresas transnacionais, fantasmagóricas, sociedades anônimas que ditam, a partir de lugares obscuros, regras indiscutíveis e inaplicáveis, para sujeitos que fazem parte da produção e do consumo das mercadorias que elas produzem em grande escala e sem pensar nas diferenças culturais, ou a diversidade de línguas e comportamentos de cada lugar, ou país.



EDIÇÃO Nº 13 – Volume I , JANEIRO
DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/11/2013

Tentando, com isso, homogeneizar os sujeitos que apesar de serem iguais na forma, são singularmente únicos, diferentes em seus gostos, prazeres e formas de se satisfazerem pessoal e individualmente.

Todas essas mudanças trazidas pela globalização vêm incentivar o consumismo desenfreado, fazem com que as pessoas tenham cada vez menos chance de pensar e decidir sobre o que consumir, como consumir e para que consumir esse ou aquele produto, se os produtos adquiridos serão realmente úteis em sua casa, para sua família, para o seu bem-estar e de sua família, se vem contribuir para a melhoria de sua vida, ou da vida de quem convive com elas.

Os sujeitos pós-modernos estão cada vez mais preocupados com o dinheiro, com o ter a qualquer custo, com o capital. Essa obsessão faz com que a cultura seja massificada, porém isso é algo prejudicial para os sujeitos e para a própria cultura, somos sujeitos singularmente únicos. A cultura é colocada apenas como produto, que será inserida no mercado para ser consumida pelos sujeitos ávidos de consumo. Diante disso, os produtos culturais são produzidos, todos os dias, em grande escala, porém sem levar em conta a diversidade cultural, as diferenças culturais existentes entre as culturas hegemônicas e as que estão à margem.

Com essa grande necessidade de novos produtos surge o pastiche – cópia da cópia, da cópia. Sobre isso, Jameson (2004) faz uma comparação metafórica do pastiche com a paródia, afirmando que o pastiche é o imitar de um estilo único, peculiar ou idiossincrático. E, ainda, que “o desaparecimento do sujeito individual, ao lado de sua consequência formal, a crescente inviabilidade de um estilo pessoal, engendra a prática quase universal em nossos dias do que pode ser chamado de pastiche.” (p. 43).

A cultura de massa vem com o objetivo de colocar ordem no caos que se instaurou no mundo, numa época em que a globalização que deveria organizá-lo, desorganiza-o. Segundo Bauman (1998, p. 164), “a cultura é um produto da escolha arbitrária entre muitas possibilidades”, já que “na luta eterna entre a ordem e o caos, o lugar da cultura é inequivocamente no lado da ordem”.

A globalização transforma as pessoas em seres uniformizados, sem gostos próprios, que acompanham a grande massa, o modismo. Isso faz com que a cultura local seja desvalorizada, sendo paulatinamente apagada, esquecida e substituída por outras que estão no âmbito global, que estão na moda, na maioria das vezes, por interesses financeiros e políticos que beneficiam uma minoria, e que não se encaixa em nossa realidade local. Moreiras (2001) faz uma advertência ao afirmar que a luta



EDIÇÃO Nº 13 – Volume I , JANEIRO
DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/11/2013

entre o local e o global – o particular e o universal – tem que servir aos objetivos de uma política democrática, ou seja, que atenda a todos.

O processo de globalização prega que os sujeitos precisam estar em sintonia, precisam acompanhar as transformações oriundas dele e se adaptarem a elas. Os sujeitos precisam estar prontos para aceitar a modernidade que vem com a globalização e utilizar as máquinas que a tecnologia avançada apresenta para acompanhar esse processo.

Nessa perspectiva, Canclini (2003, p. 29) afirma que

A globalização pode ser vista como um conjunto de estratégias para realizar hegemonia de conglomerados industriais, corporações financeiras [...]

[...] a globalização é também o horizonte imaginado por sujeitos coletivos e individuais, isto é, por governos e empresas dos países dependentes por produtores de cinema e televisão, artistas e intelectuais, que desejam inserir seus produtos em mercados mais amplos. As políticas globalizadoras obtêm consenso, em parte, porque exercitam a imaginação de milhões de pessoas ao prometer que dois e dois que sempre somou quatro pode resultar em cinco ou até seis.

Os sujeitos se vêem nessa dúvida entre acompanhar esse processo de globalização ou defender sua identidade. Tomados pelo desejo de inserir seus produtos em mercados mais amplos, multiplicar seu capital e realizar todos os seus desejos materiais, eles acabam por ceder à tentação da globalização e aceitar as políticas globalizadoras impostas pelos governos. Para Canclini (2003, p. 28), para que a globalização crie um mundo em que a convivência global seja menos incompreensiva, com menos mal-entendidos do que nos tempos da colonização e do imperialismo, é preciso que ela assuma a responsabilidade sobre os imaginários com que trabalha e a interculturalidade que mobiliza.

3. Tocando em frente: a instabilidade de um sujeito na Pós-Modernidade



EDIÇÃO Nº 13 – Volume I , JANEIRO
DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/11/2013

Os autores da música *Tocando em frente* são cidadãos que nasceram no período moderno e tiveram que se adaptar ao pós-moderno, ao mundo globalizado, passando por uma transição, um choque de realidades. Renato Teixeira nasceu em Santos-SP, em 20/05/1945 e Almir Sater em Campo Grande, no dia 14/11/1956, se intitulam como “caipiras”. Quando compuseram a canção *Tocando em frente*, no começo da década de noventa, o processo de globalização estava em seu período inicial de consolidação, até mesmo de aceitação, adaptação pelas pessoas, que ora estavam em êxtase, ora estavam preocupados em meio a tanta tecnologia.

Os autores tomam a decisão de escrever uma letra que na primeira impressão nos parece sem sentido, mas ao ouvirmos atentamente, criticamente, buscando as condições de produção e ativando na memória discursiva, os discursos que emergiram, na época de sua composição, interpretamos o seu sentido, re-significando-a de acordo com os fatores externos que estão relacionados à época de sua produção.

Os compositores colocam o fato de as pessoas viverem apressadas, por conta das mudanças tecnológicas causadas pela globalização, numa realidade em que o humano não é mais importante, na qual não há lugar para ele, o tempo voa e esse tempo é dinheiro. Corroborando com as idéias de Hall (1992), entendemos que “as identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado.” Fazendo emergir, assim, a chamada “crise de identidade.” Os compositores mostram na letra de “tocando em frente” exatamente esse sujeito em crise de identidade, que correu contra o tempo, percebeu que não valeu a pena e hoje se sente mais forte, mais feliz e tem plena certeza de que nada sabe, apesar de todas as suas vivências, suas experiências na vida.

A letra da canção faz referência a um sujeito que já quis correr contra o tempo, acompanhar a globalização, mas que não conseguiu. O trecho “Ando devagar porque já tive pressa e levo esse sorriso/Levo esse sorriso, porque já chorei demais/Hoje me sinto mais forte, mais feliz quem sabe/Só levo a certeza de que muito pouco eu sei/Eu nada sei”, ratifica isso. Os sujeitos se vêem nesse entremeio, nessa crise identitária na qual ele não sabe se acompanha a modernidade, ou se permanece no seu lugar de ser humano comum, dotado de sentimentos. Há ainda, a questão do dinheiro que está relacionada a essa engrenagem, como o combustível que faz com que ela funcione. Nesse sentido, Moreiras (2001) afirma que “a identidade está sempre sujeita à mercadorização pelo aparato ideológico-cultural do capitalismo global.”



EDIÇÃO Nº 13 – Volume I , JANEIRO
DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/11/2013

Eles, ainda, utilizam-se da materialidade linguística fazendo trocadilhos com os léxicos “massas – maçãs”, “manhas – manhãs”. A palavra maçã nos remete à idéia de fruta rara, que poucos têm acesso, já a massa seria popular, massificada mesmo, de macarrão, que apesar de ter origem italiana, no Brasil, popularizou-se e até faz parte da cesta básica. Maçã nos remete, ainda, a idéia de pecado, fruto proibido que induziu Adão e Eva ao pecado e os fizeram perder seus lugares no Paraíso. Em consonância com Bakhtin (1995, p. 113), é correto afirmar que “[...] toda palavra comporta duas fazes. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro”.

No trecho “Como um velho boiadeiro levando a boiada/Eu vou tocando os dias pela longa estrada eu vou/Estrada eu sou”, os autores nos remetem à ideia de massificação das vontades, em que as pessoas andam umas acompanhando as outras, sem vontades próprias, sem agir, ou pensar por si, como uma grande boiada. Sem nenhuma possibilidade de questionar os porquês dessa realidade que os cerca. Nesse sentido, Cevasco (2003) conceitua que o substrato dos Estudos Culturais é a tarefa de destrinchar as névoas que a ideologia utiliza para recobrir a realidade, cumprindo o seu objetivo incessante de dificultar o entendimento real do modo como funciona nossa sociedade.

Dessa forma, os sujeitos vão se tornando só uma multidão de pessoas consideradas iguais em sua singularidade, a mercê dos acontecimentos, e das decisões “hegemônicas” e, ainda, conforme Cevasco (2003) sem nenhuma condição de entender esse funcionamento e intervir de forma eficiente nele, transformando a realidade à sua volta.

No trecho “[...] Compreender a marcha e ir tocando em frente/Como um velho boiadeiro levando a boiada/Eu vou tocando dias pela longa estrada eu vou/Estrada eu sou”, os autores da música, ainda, criam uma metáfora, comparando o sujeito com uma estrada, que é transitada por vários veículos, assim, são os sujeitos, perpassados por ideologias e vozes diversas, com histórias diversificadas, únicas. Os sujeitos, como as estradas estão sempre abertos ao novo, suas identidades estão sendo modificadas constantemente, num vai e vem sem fim de tendências culturais e modernas, oriundas do capitalismo que intensifica a produção de culturas e de produtos culturais. Sobre isso, Hall (1992, p. 21) afirma que “uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida.”



EDIÇÃO Nº 13 – Volume I , JANEIRO
DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/11/2013

Quando os autores dizem “Um dia a gente chega/e no outro vai embora/cada um de nós compõe a sua história/cada ser em si carrega o dom de ser capaz/De ser feliz”, podemos fazer relação com o hibridismo cultural, pois as culturas não são puras, muito ao contrário, elas são misturadas, perpassadas por outras culturas. Nesse hibridismo, os sujeitos da pós-modernidade têm suas identidades fragmentadas, deslocadas e, com isso, a idéia que tinham de si próprios como sujeitos integrados é abalada. Nesse descentramento dos indivíduos de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos, temos a questão da “crise de identidade”, conforme Hall (1992). Essa crise de identidade ocorre em função das culturas variadas, das vivências diversas, dos lugares sociais e/ou institucionais variados que os sujeitos ocupam na sociedade e toda essa diversidade faz com que os sujeitos sejam heterogêneos, dispersos e estejam sempre inseridos em diferentes situações de fala dentro da sociedade e permeados por ideologias diversas.

Considerações Finais

A música analisada faz referência a um sujeito que já teve pressa e que agora anda devagar, que descobriu um outro mundo após sofrer para acompanhar a modernidade, um mundo diferente do que ele vivera outrora e que por conta disso traz uma identidade fragmentada, modificada, pelos acontecimentos, pelas experiências e culturas vivificadas, uma identidade constituída aos poucos, permeada por ideologias diversas.

Após as leituras realizadas e o desenvolvimento da pesquisa podemos afirmar que os sujeitos pós-modernos estão em crise com as suas identidades, com a sua própria existência, e isso ocorre porque a globalização traz consigo a necessidade de grandes produções de bens em geral para suprir a grande necessidade de consumo desses sujeitos. Para consumir mais, é preciso ter dinheiro, ou crédito, que é o diferencial da vida dos sujeitos pós-modernos que estão ávidos pelo consumo.

Nessa busca incessante pelo capital, os sujeitos se veem na dúvida entre globalizar-se ou abrir mão da modernidade, das tecnologias, do que está na moda, da vida pós-moderna que é uma vida corrida em que tudo é efêmero, o que hoje é atual, amanhã já está ultrapassado, todos os dias são inventados novos produtos com tecnologia cada vez mais avançada, preços exorbitantes e as



EDIÇÃO Nº 13 – Volume I , JANEIRO
DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/11/2013

propagandas para anunciar esses produtos são criadas dia e noite para incentivar os consumidores a comprarem.

Os compositores nos remetem, por intermédio da letra da música analisada, às produções em massa que acontece nos dias atuais, visando somente à venda em grande escala e o produto final – o lucro. É possível percebermos que se prima cada vez menos pela qualidade, pelo significado das letras compostas e gravadas pelos cantores da atualidade. Todos os dias aparecem novos cantores e duplas sertanejas, ou populares com músicas variadas, mas que têm todas, o mesmo enredo. Suas músicas são criadas objetivando somente a aceitação do público consumidor, que obviamente vai comprar seus discos, ou baixar suas músicas da internet e torná-las recordes de audiência nos meios de comunicação e, com isso, recorde de vendas e de lucros para esses cantores e seus empresários, que acompanham esse processo de globalização e transformando a vida dos sujeitos pós-modernos, ora para o “bem”, ora para o “mal”.

Referências Bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1995.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Tradução de Mauro Gama, Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

CANCLINI, Nestor G. **Globalizar-se ou defender a identidade: como escapar dessa opção**. In: _____ . A globalização imaginada. Tradução de Sérgio Molina. São Paulo: Iluminuras, 2003.

CEVASCO, Maria Elisa. **Dez lições sobre Estudos Culturais**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.



EDIÇÃO Nº 13 – Volume I , JANEIRO
DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/11/2013

HALL. Stuart. **A identidade cultural em questão.** *In:* A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1992.

JAMESON, Frederic. **O pós-modernismo e a sociedade de consumo.** *In:* O mal-estar no pós-modernismo. Tradução de Maria Elisa Cevasco. São Paulo: Ática, 2004.

LIPOVETSKY. Gilles. **Metamorfoses da cultura liberal: ética, mídia e empresa.** Tradução Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2004.

MOREIRAS, Alberto. **A exaustão da diferença: a política dos estudos culturais latino-americanos.** Tradução Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

ESCOSTEGUY. Ana Carolina. **Estudos Culturais: uma introdução.** *In:* O que é, afinal, Estudos Culturais. SILVA. Tomaz Tadeu (Org.) Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

<http://www.macamp.com.br/variedades/almirsater.htm>

http://pt.wikipedia.org/wiki/Renato_Teixeira

<http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/maca/maca.php>

Anexos



EDIÇÃO Nº 13 – Volume I , JANEIRO
DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/11/2013

Tocando em Frente

Almir Sater

Ando devagar por que já tive pressa

E levo esse sorriso por que já chorei demais Hoje me sinto mais forte, mais feliz quem sabe,

Só levo a certeza de que muito pouco eu sei

Nada sei.

Conhecer as manhas e as manhãs,

O sabor das massas e das maçãs,

É preciso amor pra poder pulsar,

É preciso paz pra poder sorrir,

É preciso a chuva para florir

Penso que cumprir a vida seja simplesmente

Compreender a marcha e ir tocando em frente

Como um velho boiadeiro levando a boiada

Eu vou tocando dias pela longa estrada eu vou

Estrada eu sou.



EDIÇÃO Nº 13 – Volume I , JANEIRO
DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/11/2013

Conhecer as manhas e as manhãs,

O sabor das massas e das maçãs,

É preciso amor pra poder pulsar,

É preciso paz pra poder sorrir,

É preciso a chuva para florir.

Todo mundo ama um dia todo mundo chora,

Um dia a gente chega, no outro vai embora

Cada um de nós compõe a sua história

Cada ser em si carrega o dom de ser capaz

E ser feliz.

Conhecer as manhas e as manhãs

O sabor das massas e das maçãs

É preciso amor pra poder pulsar,

É preciso paz pra poder sorrir,

É preciso a chuva para florir.

Ando devagar porque já tive pressa

E levo esse sorriso porque já chorei demais

Cada um de nós compõe a sua história,



EDIÇÃO Nº 13 – Volume I , JANEIRO
DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/11/2013

Cada ser em si carrega o dom de ser capaz

E ser feliz.

Conhecer as manhas e as manhãs,

O sabor das massas e das maçãs,

É preciso amor pra poder pulsar,

É preciso paz pra poder sorrir,

É preciso a chuva para florir.